

Sarney garante que inflação acabou e que a economia continuará crescendo

Brasília — EBN

Brasília — O anúncio de uma queda de 1,48% no custo de vida, índice até então cuidadosamente guardado em segredo pelo IBGE, foi o ponto alto do discurso em que o presidente José Sarney prestou contas à Nação do seu Plano de Inflação Zero. O discurso de 150 linhas, revisado três vezes pelo próprio presidente, só foi gravado quando adquiriu um tom coloquial, que ele entendeu de fácil acesso a qualquer brasileiro. Por isso, os dados numéricos foram estrategicamente matizados com uma linguagem cotidiana.

A queda do custo de vida no item alimentação foi de 5%; o crescimento econômico continua em torno de 5%; o emprego cresceu 2,9%; as vendas no comércio varejista aumentaram 10% em março e o Brasil aumentou em 34% suas exportações. Nesse ponto o presidente se enganou, dizendo que isso significa um superávit de 665 milhões de dólares, quando só em março o superávit foi quase o dobro.

"Tabela na mão, o Brasil no coração, vitória assegurada" foi uma das primeiras frases utilizadas no pronunciamento como um recurso destinado a manter a atenção do telespectador.

A frase foi sublinhada pelo próprio Presidente, quando fez a primeira gravação às 17h30min. Em seguida, ele sublinhou "o povo compreendeu que pela primeira vez na história ele não é massa de manobra, não é convocado para ser manipulado". Usando seu tradicional jaquetão azul-marinho, com sua gravata preferida — de listas diagonais — o presidente mantinha-se à vontade antes da gravação, mas não se conformava com o texto.

— Esse discurso deve ter uma fala mais coloquial, amena, direta, de fácil entendimento. Eu preciso colocar isso numa linguagem mais simples, sem rebuscamento.

Esse comentário foi feito pelo presidente ainda às 16h, quando se encontravam à sua volta a filha Roseana, o secretário de imprensa, Fernando Cesar Mesquita, o assessor de publicidade, Roberto Parreira e o presidente da Radiobrás, Antonio Carlos Drummond. Alguém comentou em tom de brincadeira que o pronunciamento devia ser uma espécie de "Conversa ao Pé da Televisão", uma referência ao programa de rádio que o presidente faz. Às 17h Sarney tinha um texto definitivo, mas muito longo. Depois de uma leitura em voz alta, constatou preocupado que o texto levava 25 minutos do tempo do telespectador. Reduziu-o, então, para 16 minutos e, às 18h30min, concluiu a gravação definitiva.

Do desgaste à popularidade

Brasília — O presidente José Sarney que os brasileiros viram ontem à noite, pela televisão, divulgar um há até bem pouco tempo inacreditável índice negativo de inflação, não poderia ser mais diferente do senador José Sarney que no dia 15 de março do ano passado assumia a chefia do governo. A imagem do homem tenso e indeciso que foi obrigado a assumir uma difícil tarefa que não estava em seus planos foi substituída pela do presidente mais popular da história do país.

A mesma tensão que José Sarney exibia quando chegou ao Palácio do Planalto o acompanhou durante quase todos o primeiro ano de governo. Mesmo com índices de popularidade inéditos para um presidente da República — 51% em maio do ano passado — era evidente o desconforto do substituto de Tancredo Neves. O voto de confiança da população não parecia suficiente para um presidente obrigado a conviver com um ministério que há

elogiada por sua filha e pelo ex-presidente do Instituto Brasileiro de Café, Carlos Alberto Leite Barbosa, que chegou no fim.

Ao cortar a primeira versão do discurso, Sarney considerou imprescindível manter a informação de que a indústria brasileira cresceu 12,3%, e o aço, 10%. "Um dado muito significativo também foi o crescimento de 9% do consumo de energia elétrica, em relação a fevereiro", disse também, orgulhoso, o presidente, concluindo: "Estes números mostram que o cruzado não trouxe nenhuma queda da economia. O abastecimento está normal. As vendas, em expansão. O governo está fazendo seus estoques reguladores e pouco a pouco as discussões que se processam entre produtores e varejistas vão sendo ajustadas".

A deflação de 1,48% anunciada pelo presidente Sarney refere-se apenas às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, esclareceu o JORNAL DO BRASIL o ministro do Planejamento, João Sayad. Segundo o ministro não cabia no discurso presidencial uma informação técnica dessa natureza. O presidente do IBGE, Edmar Bacha, revelou que o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) relativo às dez regiões metropolitanas do país somente será divulgado no próximo dia 22, terça-feira, após as checagens dos números pelos computadores.

Outra informação relevante que não ficou bem explicitada no discurso presidencial diz respeito ao comportamento da balança comercial brasileira no primeiro trimestre de 1986. No texto da fala presidencial está dito que o país aumentou em 34% suas exportações no período janeiro-março deste ano, significando "um superávit de 665 milhões de dólares". O ministro Sayad explicou que se trata de "um incremento das reservas cambiais do país nos primeiros três meses de 86 (665 milhões de dólares) decorrente do saldo comercial de 2,57 bilhões de dólares verificado no período, um recorde histórico.

Depois de 45 dias do início do programa de estabilização econômica do governo, o grande desafio para as autoridades será promover a política de descongelamento, sem que isso cause problemas para os vários setores da economia e o país possa retomar o seu ritmo, disse ontem em São Paulo o presidente da FIESP, Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho. Para ele, isso pode ser executado "com uma inflação razoável (abaixo de 1,5% ao mês) e com as pessoas se conscientizando de que a remarcação de preços será corretiva e não preventiva".

havia escolhido e diante da sombria perspectiva do crescimento inflacionário.

As dificuldades do presidente estavam também no campo político. Cada votação importante no Congresso era um esboço de crise. Assim foi com a votação da convocação da Constituinte, que chegou a colocar o presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, contra a orientação do Palácio do Planalto. E à medida que o caldeirão da inflação esquentava, caía a popularidade do presidente. Em outubro, só 40% da população continuavam apoiando seu governo.

Em dezembro, o presidente aproveitou o recesso parlamentar para finalmente montar sua própria equipe ministerial.

Finalmente, no dia 28 de fevereiro, dois dias depois de divulgado o maior índice inflacionário da história do país — 15,36% —, o governo anunciava o Plano Cruzado e o presidente mudava radicalmente sua trajetória política.



Sarney quis dar um tom coloquial ao pronunciamento

Poucos conheceram a deflação

No último mês de março, como anunciou ontem o presidente da República, devido aos efeitos do plano cruzado, os preços vigentes nos mercados brasileiros, em vez de subirem, caíram. A esse fenômeno de queda de preços denomina-se deflação, palavra com a qual os brasileiros estão muito pouco habituados. E não sem razão, já que desde o início da Segunda Guerra Mundial os preços no país vieram subindo, na maioria dos anos gradualmente e, mais recentemente, de forma explosiva.

Para quem viveu no Brasil no início deste século, deflação, no entanto, foi um fenômeno econômico tão corrente e usual como a inflação. Entre 1900 e 1945, como revelam dados históricos coletados pelo economista Cláudio Haddad ou pela dupla Annibal Villela e Wilson Suzigan, por meio de árduo trabalho de pesquisa (foi somente em 1944 que a Fundação Getúlio Vargas começou a levantar oficialmente a variação de preços no país), houve inúmeros anos de queda de preços. E extremamente acentuadas.

A mais famosa deflação dessa primeira metade de século foi a que ocorreu nos anos de 1900 e 1901, devido à política econômica implementada pelo ministro da Fazenda do governo Campos Sales, Joaquim Murinho. Tendo ainda na lembrança o período inflacionário dos primeiros anos da República, Murinho resolveu adotar em 1899, quando assumiu o Ministério, um plano de estabilização caracterizado por uma ortodoxia extrema.

Sua principal preocupação era fazer com que a moeda brasileira voltasse a se valorizar face à libra esterlina, retornando à paridade cambial de 1846 (27 pences por mil réis), para que o Brasil ingressas-

se novamente no clube dos países que adotavam o padrão-ouro. Para isso era preciso uma deflação bem forte, o que foi obtido com rígido controle da emissão de moeda, resgate de moedas em circulação, corte de despesas governamentais e aumento de impostos, além da obrigação de que a tarifa sobre a importação fosse paga em ouro. O déficit público, obviamente, como exige qualquer visão ortodoxa da economia, tinha que ser contido a qualquer custo.

Além de desemprego e retração na atividade econômica, a política de Murinho quebrou vários bancos, entre eles o Banco da República do Brasil, salvo apenas pelo Tesouro Nacional, tendo ficado até 1905 sob intervenção. Os preços em 1900 caíram 15,7% e em 1901, 10,8%, segundo a série de Haddad, e respectivamente 13,3% e 17,8%, segundo a série de Villela e Suzigan.

Medidas ortodoxas

De 1902 a 1906, durante o governo de Rodrigues Alves, essa política de saneamento das finanças públicas e deflação, sempre com um olho na paridade cambial de 1846, teve continuidade sob a direção de Leopoldo Bulhões, sucessor de Murinho no Ministério da Fazenda. Com isso, os preços continuaram a cair até 1905, enquanto a moeda se valorizava face à libra esterlina. Segundo revela o historiador Mircea Buescu, no livro Evolução Econômica do Brasil, de 1899 a 1905 os preços caíram 37,1% abaixo do nível de 1898. A valorização cambial no período chegou a 55,1% e os seis anos foram de superávit orçamentário.

Após 1906, as deflações em sua maioria, já não foram provocadas por ministros brasileiros, mas por choques externos.

"O congelamento vai continuar"

Esta é a íntegra do discurso de ontem do presidente José Sarney, transmitido por uma cadeia nacional de rádio e televisão:

Brasileiros e brasileiras, venho prestar contas. Falar sobre um mês do Plano Cruzado. Fazer um balanço: o plano deu certo. Atingiu seus objetivos. Mudou o Brasil.

Esse resultado foi possível graças ao apoio do povo, o povo, no momento em que aceitei ser fiscal do presidente, assegurou o êxito do programa.

Tabela na mão, o Brasil no coração, vitória assegurada.

O povo compreendeu que pela primeira vez na história ele não é massa de manobra. Não é convocado para ser manipulado. É o beneficiário e o destinatário da ação do governo. Pensou-se nos pequenos e não se tem medo dos grandes, dos manipuladores de papéis.

Criou-se um estado de espírito diferente. Esse espírito não pode arrefecer. Não deve passar. Não pode diminuir. Vamos permanecer mobilizados. É um apelo, é uma necessidade. É um direito e um dever da cidadania.

O congelamento vai continuar. A geração mais nova só conheceu a mentalidade da inflação. E essa mentalidade tem que ser mudada. Se afrouxarmos, volta tudo de novo. Nada destruírá um plano que é patrimônio do povo brasileiro.

Por outro lado, estão enganados os que pensam prejudicar o projeto Cruzado.

Há um todo, um saber e está do nosso lado. Vamos levar nossa missão com grandeza e determinação e faremos todas as reformas necessárias à restauração do país.

Sou simples e minha vaidade é a de sair de cabeça erguida da Presidência da República. Um poeta sabe que só a palavra é eterna.

O governo é hoje um grupo homogêneo. Temos uma brilhante equipe de jovens, que trabalham com grande espírito de corpo: na área econômica, na área social, na área política. Estamos unidos. E pedimos ao povo que esteja unido conosco, pois juntos venceremos. Brasileiras e brasileiros.

Esperarei até hoje para falar à Nação porque não dispunha dos dados oficiais do IBGE. Sábado os recebi e pessoalmente quis fazer este anúncio inédito, para um presidente da República do nosso país.

Comunico que não tivemos inflação no mês de março. E mais ainda: tivemos uma desinflação, isto é, o custo de vida dos trabalhadores

caiu 1,48%. No item alimentação, a queda foi bem maior — 5%.

Você, que tinha o seu salário desvalorizado em 15% ao mês, aumentou o seu poder de compra. Você, que a cada semana, antes do cruzado, comprava menos e pagava mais, sabe que sua moeda é forte. A cesta básica está mais cheia, por causa do fim da inflação e a baixa dos preços dos gêneros alimentícios.

Vivemos um instante novo na pátria.

Jamais volte a ocorrer neste país a separação que nos destruiu: a casa dividida. E a casa dividida não prospera. Uns poucos exploravam muitos. A especulação, e agiotagem, a ciranda financeira levaram este país à beira da convulsão total. A Nação estava ingovernável. Deus é testemunha dos problemas que enfrentei. E veio dele a coragem para atravessar esses abismos.

Chegou a hora da reconstrução. Há um ano tínhamos o caos; hoje lidamos com a esperança.

O balanço do primeiro mês do cruzado afirma que não aconteceu nenhuma daquelas previsões pessimistas.

Não existe nenhum desvio estrutural comprometendo o êxito do programa.

Ele em nada compromete o crescimento econômico, que continua em torno de 5%.

A taxa de emprego vai subindo a índices superiores aos do ano passado. Em 86, o emprego cresceu 2,9%. As vendas no comércio varejista aumentaram. Em março, 10%. No setor das exportações, esse aumento foi da ordem de 34%, o que significa um superávit de 665 milhões de dólares. (N. da R.: Em março o superávit comercial foi de 1,14 bilhão de dólares e no primeiro trimestre totalizou 2,56 bilhões de dólares).

A indústria cresceu 12,3%; o aço, 10%. Um dado muito significativo também foi o crescimento de 9% do consumo de energia elétrica, em relação a fevereiro. Estes números mostram que o Plano Cruzado não trouxe nenhuma queda da economia. O abastecimento está normal. As vendas, em expansão. O governo está fazendo seus estoques reguladores e pouco a pouco as discussões que se processam entre produtores e varejistas vão sendo ajustadas.

Com a retirada dos custos financeiros, eles negociam o preço justo e a parcela de lucros que deve caber a cada um.

Na área bancária, ao contrário do que foi divulgado, os dados que obtivemos mostram que o setor está se ajustando dentro de parâmetros normais.

Volto a reafirmar: o Plano Cruzado deu certo. Não vamos recuar. Não vamos retroceder. Os preços vão continuar congelados e fiscalizados.

Fiscalizados pelo cidadão brasileiro, que hoje sabe e exerce os seus direitos de cidadania. Brasileiras e brasileiros

Todos pagamos impostos. Quando se compra um quilo de arroz, de carne, qualquer coisa, uma parcela do preço que você paga é imposto. Esse imposto é para manter os serviços públicos. Não pode ser roubado, nem dilapidado, nem mal empregado.

Em todos os níveis de governo: no municipal, no estadual, no federal, todos devem saber que dinheiro do povo deve ser bem aplicado.

Dessa consciência nasce o fiscal do supermercado, o fiscal da previdência, o fiscal da escola, da merenda, dos programas sociais, enfim, fiscal de tudo na sociedade.

Estamos fazendo o máximo na administração pública. Governo, já se sabe, não é uma festa.

Se aumentarmos os preços em qualquer setor, quem vai pagá-los, ao final? O povo. Os preços estão congelados. Se os custos aumentarem, os preços têm que aumentar. E volta tudo de novo.

Assim, com seu apoio, não posso transigir, nem recuar, nem ceder. Agora iniciamos o processo da mudança das mentalidades viciadas pela inflação.

Vinhamos caminhando, já sem controle possível, para a estatização total dos meios produtivos, extinguindo a economia de mercado na medida em que o processo arruinava a iniciativa privada, única força capaz de mantê-la viva.

Brasileiras e brasileiros, o programa é esse. Está dando certo, vai continuar.

Há alguns meses, no Forte de São José do Macapá, depois de visitar o Oiapoque, ouvi cantar um grupo folclórico do Marabão, folgado popular que veio da África, ao longo da conquista.

Uma velha senhora, descendente de escravos, saudou-nos numa elegante ironia: "Seu Zé Sarney, como vai, Como passou?"

Já sei que o senhor veio dizer que a nossa inflação baixou..."

Curvei a cabeça. Eu nada podia responder. Mas senti que até nos confins do Brasil, mesmo nos momentos de alegria, a inflação era o problema. Ela confiscava os salários. Não mexia

só com o bolso, mas com o estômago. Ela estava na raiz de tudo, correndo a vida do povo e os valores da nacionalidade.

À dona Zenina mando a resposta do seu delicado grito de revolta e de apelo:

— A inflação baixou. Não apenas baixou. A inflação acabou.

Tenho o olhar do Brasil inteiro. Há no olhar de cada brasileiro um brilho diferente. O Brasil está mais livre, mais alegre, confiante, mais consciente do seu destino.

Sábado, em Campo Grande, lá no Mato Grosso do Sul, um menino, tímido, beijou-me e disse:

"Sarney, obrigado. Agora a Pátria é do povo."

Bem diferente do Brasil que eu encontrei no Amapá.

A mulher do Amapá e o garoto de Campo Grande, dois tempos, uma só esperança.

Essa esperança aumenta a responsabilidade.

Brasileiras e brasileiros

O Brasil está em condições de preparar a sua grande arrancada, a definitiva. De implantar a mentalidade do trabalho, de um país sério, sem o espírito do jeitinho. Acabou essa noção de sermos um país que só desperta a curiosidade mundial pelo pitoresco do futebol e do carnaval, pelo sofrimento dos índios, e pelos esquadrões da morte.

Essa página está sendo virada, e para sempre.

Temos o lugar número oito entre as economias mais desenvolvidas do mundo ocidental. Mas nos indicadores sociais temos o lugar 57. Nessa área, na área social, estamos juntos de alguns dos mais pobres países da África ou da Ásia. Isso não pode continuar. É outra doença terrível da nossa sociedade.

Vamos persistir nos programas sociais, para acabar com a fome e a pobreza. O grande desafio, consentada a economia, é este: criar uma sociedade humana e justa. Em que a miséria não ameace as instituições e o desenvolvimento. Economia saudável, justiça social. Liberdade política. E a hora do investimento, do trabalho produtivo. Ninguém pode mais desconfiar do Brasil. Dentro de alguns anos o Brasil estará no seu lugar. Ele dá o grande avanço, o salto definitivo. Pronto para o seu grande destino.

Muito obrigado.
Boa noite.